

CORPO, PARA QUE TE QUERO?

UMA INTERFACE COM AS SENSACIONES, TEXTURAS, CORES, SONS E MOVIMENTO COM BEBÊS¹

Sára Maria Pinheiro Peixoto ²
Ana Aparecida Tavares da Silveira ³
Fabyana Soares de Oliveira ⁴
Maria Aparecida Dias ⁵

RESUMO

Concebendo o trabalho com bebês, considerando a sua adaptação/inserção como um processo primordial a entrada da criança a instituição de Educação Infantil, este artigo objetiva explicitar como se dá essa vivência, destacando o corpo na infância como centro do processo de interações através de atividades significativas em uma turma de Berçário II, que compreende crianças com faixa etária de 1 ano a 2 anos de idade, do Núcleo de Educação da Infância – NEI-Cap/UFRN. Pensar esse momento é poder partilhar responsabilidades, considerando que os bebês têm uma história de vida, vivenciam desde cedo e que estão imersos em grupo social. Assim, procuramos pelo viés da pesquisa explicativa compreender como se dá esse processo encadeado por uma epistemologia do corpo através de vivências e experimentações de sentidos e significados. Com o estudo foi possível observar que cada sujeito se (re) cria o tempo todo a partir de seus atos, de suas experiências vividas, uma vez que o corpo fala o tempo todo. Dessa forma, entendemos que a aprendizagem na escola da infância circunda toda a extensão de sua corporeidade, considerando que não há aprendizagem sem vínculo, sem afeto e o lúdico é essencial para isso.

Palavras-chave: Bebês, Infância, Corpo. Experimentações.

ABRINDO O DIÁLOGO: CHAMANDO PARA AS EXPERIMENTAÇÕES

[...]

*Bom dia, bom dia, vai começar a cantoria,
Bom dia, bom dia, o berçário já chegou,
Bom dia, bom dia, palma, palma, coxa, coxa
Bom dia, bom dia, 1, 2 3 e já ...*

Aguçamos a entrada desta introdução com essa cantiga diária “Bom dia”, cantiga esta, que abre nossas manhãs com as crianças do berçário quando iniciamos o momento da nossa roda de conversa e com essa mesma cantoria, vos convidamos para dialogarmos sobre esse

¹ Esse artigo é resultado de projeto de pesquisa e ensino desenvolvido em uma turma Berçário que compreende crianças na faixa etária de 1 e 2 anos do Núcleo de Educação da Infância NEI-Cap/UFRN.

² Mestre em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte- UFRN e Professora do Núcleo de Educação da Infância – NEI-Cap/UFRN, sarinha27@gmail.com

³ Mestranda pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte- UFRN e Professora da Secretaria Municipal do Natal –SME/Natal/RN anatalats@gmail.com

⁴ Mestranda pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte- UFRN e Professora do Instituto Federal do Rio Grande do Norte –IFRN, fabyanaoliv@yahoo.com.br

⁵ Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN e Professora da Universidade Federal do Rio Grande do Norte - cidaufrn@gmail.com;

projeto de trabalho desenvolvido com as crianças do Berçário do ano de 2019, do Núcleo de Educação da Infância – NEI/CAP/UFRN.

O projeto didático intitulado “Corpo para que te quero? Uma interface com as sensações, texturas, sons, cores e movimento”, culminando na escrita deste artigo, tendo sua precedência durante o processo de adaptação/inserção desses bebês, que adentravam em suas primeiras experiências de vida escolar.

Toda a intenção educativa para este projeto fora pensado cuidadosamente e planejado pelas professoras e suas respectivas auxiliares, como uma forma de contribuir nessa “chegada” a instituição com um processo permeado de tranquilidade, segurança e ludicidade, etapa essa essencial para nossas crianças, prezando pelo acolhimento, afeto e o bem-estar de todos.

O Núcleo da Educação da Infância, é uma instituição pública que funciona como um Colégio de Aplicação, vinculado à Universidade Federal do Rio Grande do Norte/UFRN e ao Centro de Educação – CE, atendendo crianças desde o Berçário 2 até o 5º ano do Ensino Fundamental. A instituição desenvolve um trabalho pedagógico considerando as especificidades das crianças e suas infâncias, através de experiências de sentido e significado, tendo como embasamento epistemológico os eixos norteadores: interações e brincadeiras. (BRASIL, 2010).

Pensar esse momento é partilhar responsabilidades, considerando que os bebês têm uma história de vida, vivenciam experiências e que estão imersos em grupo social. Quando pensamos nesse projeto considerando a chegada dos pequenos, nesse espaço desconhecido, em contato com adultos e outras crianças até então nunca vistos, procuramos adentrar em um campo respeitando os tempos, os espaços, as especificidades de todos, por compreender que essa chegada é um marco importante na vida de cada criança, como também dos familiares que estão tomados pelo sentimento do rompimento, da insegurança, estranhamento e até mesmo da ansiedade.

Partindo das concepções de Balaban (1988), será um momento permeado de emoções diversas que além de envolver o desconhecido, o estranhamento, será vivenciado por cada sujeito de uma forma bem única e particular. Nessa perspectiva, procuramos desenvolver um trabalho que não fosse feito apenas de pessoas, mas com pessoas que constroem/promovem conhecimentos, através das interações umas com as outras, seja criança/criança, criança/adulto, adulto/criança, e essas experiências proporcionadas promovam reflexões, conhecimentos e aprendizagens, tendo a criança como centro de todo esse fazer docente. (PROPOSTA PEDAGÓGICA, 2017, NO PRELO).

Assim, este artigo intenciona responder ao questionamento: como as crianças podem conhecer/explorar esse mundo novo, estabelecer interações entre os pares, sem conhecer a si e o outro se não for pelas relações com o outro, pelo toque, pelo afeto, tendo o corpo como sua principal manifestação, considerando este, a nossa maior forma de ser e estar no mundo em um processo simbiótico de relações, trocas, experiências e histórias vividas. (PEIXOTO, 2019).

A esse respeito, Silva (2011), nos aponta que o corpo é a condição fundamental para nossa existência, pois nos constituímos como seres essencialmente corporais e de certo é através do corpo que todo o exterior é sentido, assim, é por meio deste que interagimos com nosso meio, seja ele social, natural, cultural, afetivo e os bebês não podem ficar fora desse processo.

Acreditamos que as crianças bem pequenas são sujeitas eminentemente afetivos, emocionais e corporais, e nós enquanto professores, devemos estar atentas a essas diversas linguagens e promover um ambiente rico de vivências e experiências ricas de ludicidade, instigantes e desafiadoras.

Frente às questões até então explanadas, evidenciamos os aspectos que norteiam esse relato de experiência, sobre o projeto apresentado vivenciado na turma de bebês (um a dois anos de idade), do turno matutino do Núcleo de Educação da Infância (NEI-CAP/UFRN⁶), durante o primeiro semestre de 2019, tendo como objetivo geral contribuir no processo de adaptação/inserção dos bebês e com objetivos específicos: ampliar o repertório de expressão oral e corporal; vivenciar diferentes possibilidades de experimentações e expressões com o corpo; conhecer a si, para poder conhecer o outro; valorizar e ampliar suas possibilidades corporais, emitindo sentimentos, impressões sobre si e o seu corpo.

Para a apresentação de nossos dados e suas respectivas análises, nos ancoramos pelo viés da abordagem qualitativa, por depreender que os dados obtidos no espaço educativo são repletos de singularidades referentes aos sujeitos envolvidos e suas relações estabelecidas entre o meio, imbricados durante todo o processo e suas contribuições no fazer educativo. (OLIVEIRA, 2016).

Na tentativa de atender as respectivas intencionalidades, assumimos como procedimentos metodológicos a pesquisa explicativa, compreendendo-a como procedimento substancial na sua efetivação e para a realização do Projeto de Trabalho em questão na tentativa de estabelecer um encadeamento com a problemática, os objetivos propostos junto a epistemologia, por meio de vivências e experimentações. (GIL, 2008).

⁶ Para maiores informações sobre a instituição, acessar: www.nei.ufrn.br

Apresentamos brevemente essas premissas introdutórias, damos continuidade pelos aspectos epistemológicos e metodológicos que norteiam nossos saberes e fazeres, ilustramos com a apresentação de três atividades didáticas trabalhadas com os bebês, expomos os desdobramentos desse estudo bem como os resultados desprendidos e por fim tecemos as considerações e as referências que nos ampararam na constituição deste artigo e que muito contribuíam para que essa experiência fosse a mais deleite e agradável com nossas crianças.

Pontuamos ainda, a relevância dessa discussão, a fim de que possamos ampliar e promover experiências exitosas e que possam estar se agregando a outras experiências nesse universo rico e vivenciado com os bebês que é estarmos sempre recomeçando e neste recomeçar, estamos sempre pensando, discutindo e aprendendo nas trocas, nas relações, aprendendo com o outro.

NO UNIVERSO DAS EXPERIMENTAÇÕES: CONHECENDO QUE CORPO É ESSE?

Nós professores, enquanto instituição NEI/Cap/UFRN, apostamos na forma lúdica de desenvolver o trabalho porque a ludicidade fornece à criança a possibilidade de promover a autonomia, identidade e cooperação da criança, como também, sua liberdade criadora provida de descobertas e manifestação de emoções pelos caminhos da experimentação que é elementar na infância de nossas crianças.

Considerando a ontologia do teórico Merleau-Ponty⁷, quando nos referimos a corpo não podemos nos atrelar ao entendimento que corpo é apenas essa unidade física, biológica visível aos olhos, formada por partes e órgãos que constitui apenas uma matéria que ocupa lugar no espaço. Versamos aqui, sob uma discussão de corpo como tudo aquilo que é vivido, afetado, experimentado e para isso temos que considerar as histórias e experiências de cada um. (PEIXOTO, 2019).

Ainda, nessa ontologia não existe um conceito pronto e conclusivo do que vem a ser corpo, mas, considerando sua epistemologia, podemos falar que “corpo é toda essa estrutura viva experiencial, em que o interno e o externo, o biológico e o fenomenológico se comunica, sem oposições.” (NÓBREGA, 2005, p. 605). Sob esse entendimento, não temos como conhecer o corpo sem vivê-lo, sem oportunizar experiências corporais que a criança possa explorá-lo das mais diversas formas possíveis e imagináveis.

⁷ Maurice Merleau-Ponty (1908-1961), filósofo, fenomenólogo francês, que teve como ponto de partida o estudo da percepção, trazendo para seus trabalhos o reconhecimento que o corpo não é objeto, mas uma condição permanente da experiência com o meio em que vive.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2017), documento de caráter normativo para as redes de ensino de instituições públicas e privadas, no que se refere à elaboração dos currículos e propostas pedagógicas para a Educação Infantil, nos diz que

Explorar o corpo (por meio dos sentidos, gestos, movimentos, impulsivos ou intencionais, coordenados ou espontâneos), as crianças, desde cedo, exploram o mundo, o espaço e os objetos em seu entorno, estabelecem relações, expressam-se, brincam e produzem conhecimentos sobre si, sobre o outro, sobre o universo social e cultural, tornando-se progressivamente, conscientes dessa corporeidade. (BRASIL, 2017, p.36)

Para que essas experiências possam ser materializadas em seu fazer docente, o corpo precisa ser primeiro compreendido por esse professor da Educação da Infância, como falar e viver um corpo sujeito se o próprio professor não aprender a conhecer seu próprio corpo e essa relação simbiótica? De fato, para que isso seja preciso, o corpo precisa estar no centro do processo pedagógico e sobretudo, considerado na interação cotidiana entre os sujeitos, o meio e na relação entre os pares (PEIXOTO, 2019).

Para ilustrar mais ainda, Merleau-Ponty (1999), apresenta a compreensão que na Educação Infantil o corpo da criança precisa ganhar centralidade, que sejam promovidas experiências articuladas às situações cotidianas, de forma integrada, em contextos lúdicos de sentido e significado, oportunizando descobertas de si, do outro, explorando as mais variadas linguagens que podemos oferecer no universo infantil. Com isso, é pelo corpo que se conhece o mundo e o mundo é incorporado ao corpo através de suas experiências e relações estabelecidas. (MENDES; et al, 2014).

Falando de bebês e considerando suas especificidades e das crianças bem pequenas, é partir de uma concepção que são sujeitos ativos, que interagem, se relacionam, vivem imersos em um mundo cultural, com histórias, com ritmos e preferências. Para Barbosa (2010, p.2), “os bebês possuem corpo onde afeto, intelecto e motricidade estão profundamente conectados e de forma bem particular estes elementos se articulam e vão definindo as singularidades de cada indivíduo ao longo de sua história”.

Foi partindo desses e de outros enunciados que buscamos desenvolver um trabalho lúdico com as crianças do Berçário, no sentido de oportunizar as mais diversas experiências e atividades significativas, promovendo interação, trocas, descobertas e aprendizagens. Levando em consideração as especificidades dessa faixa etária, onde os bebês ainda não conseguem se comunicar, por meio da linguagem oral, as experiências são planejadas partindo dos conhecimentos prévios das crianças. O NEI/CAP/UFRN, opta pela metodologia de trabalho

para esse grupo de crianças, a sistemática de Projeto de Trabalho e Atividades Significativas, por considerarmos o percurso mais pertinente à essa faixa etária considerando suas possibilidades. (PROPOSTA PEDAGÓGICA, 2017, NO PRELO).

De acordo com a Proposta Pedagógica do NEI/CAP/ UFRN (2019, p.30, no prelo), inferimos como Projeto de Trabalho “[...] um tema escolhido pelo (a) professor (a) para desenvolver ações conjuntas com o grupo de crianças, na busca de acolher, explorar alguma curiosidade e/ou ampliar os conhecimentos das crianças sobre um determinado tema”. Podemos dizer que para esse grupo de criança, o projeto de trabalho irá desencadear atividades que possam ser exploradas das mais diversas maneiras, não precisam ter uma sequência linear e estanque.

Uma outra forma de estar oportunizando às crianças do berçário é o contato com as atividades significativas que são situações pensadas e organizadas com sentido e significado para o grupo. Não precisa ter relação com nenhuma temática, ou uma sequência didática, mas precisa ter intencionalidade, muitas vezes, as atividades significativas, desencadeiam os projetos de trabalho. (PROPOSTA PEDAGÓGICA, 2017, NO PRELO).

Acreditamos que esse é o papel da Educação Infantil, oportunizar, criar possibilidades com o real, concreto, imaginário e o imaginário, onde se estabeleça diversas formas de elaborar e reelaborar descobertas e significados, oportunizando a criança o contato com o mundo físico, natural, social, linguístico, matemático, por meio de ações simbólicas materializadas pela ludicidade. (PEIXOTO, 2019).

Daremos continuidade apresentando as ações educativas denominadas “experimentações” que narrará algumas experiências percorridas pelas sensações, texturas, cores, sons e movimentos no projeto realizado.

1. Primeiras experimentações: tudo começou na piscina de bola

Para atendermos e conhecer os pequenos que adentravam esse novo espaço, organizamos um espaço acolhedor, agradável e atrativo que possibilitasse o despertar da curiosidade das crianças e o explorar os diversos espaços da sala de referência.⁸ Montamos uma piscina grande no centro da sala, cheia de bolas coloridas de diversos tamanhos e de diferentes materiais: plásticos, tecidos, borracha, etc.

A atividade tinha como objetivo contribuir com o processo de acolhimento dessas crianças, de modo que as crianças tivessem os primeiros contatos com o seu corpo, com o corpo

⁸ Denominação dada ao espaço da sala de aula da instituição.

do outro, demonstrando autoconhecimento, cuidado com este, de modo que as crianças fossem progressivamente explorando diversos movimentos e sensações com relação ao seu corpo e ao espaço.

Um grupo de crianças eram mais curiosas e adentravam na piscina de bolas com todo envolvimento e deleite, outras ainda em processo de se sentir seguras, tinham mais receio, mas demonstravam o desejo de entrar.

Fig. 1: Experiência com a piscina de bolas



Fonte: Diário de Campo, 2019

Essa atividade foi realizada durante uma semana no momento da chegada das crianças à instituição, durante aproximadamente de 30 a 40 minutos. Conforme as mesmas iam se sentindo mais seguras e confiantes, iam propondo desafios de entrada e saída da piscina, de esconder objetos dentro da piscina, para que objeto fosse encontrado. E outros desafios eram propostos respeitando as particularidades de cada um.

Ortiz e Carvalho (2012), nos aponta que temos que possibilitar oportunidades de novas interações, com diferentes objetos, para que a criança possa aprender com ele de acordo com seu interesse, assim existe uma evolução progressiva na exploração e utilização de objetos que começa com a exploração de suas características físicas [...] e das ações que se pode realizar sobre eles dando-lhe significados afetivos ou convencionais. (ORTIZ; CARVALHO, 2012).

Com essa atividade promovemos as mais diversas experiências com as sensações e texturas. Oportunizamos o contato com materiais lisos, duros, moles e ásperos durante nossas conversas na roda e atividades de produções coletivas e individuais. Proporcionamos atividades de toque, de contato de olhos vendados (a criança que se sentisse confortável), explorando objetos da sala de aula, objetos no cubo da percepção, a exploração do nosso corpo, no corpo do outro.

Tivemos ainda a oportunidade de confeccionar o “tapete das sensações”, onde a criança teve a oportunidade de tocar, andar e rolar sobre as diversas texturas que customizamos nas áreas do tapete: lixa, cd’s, madeira, pedrinhas, amoebas, bombril, borracha, celofane, tampinhas, penas, tecidos, palhas, lãs, canudos e botões.

Fig. 2: Experiência com o tapete sensorial



Fonte: Diário de Campo, 2019

As atividades e brincadeiras foram bastante valorizadas, promovendo esse contato com o outro, consigo, com objetos diversos e o mundo exterior. Tivemos ainda a oportunidade valorizar a escuta de cada um que estava com sua linguagem oral se estruturando, colaborando para que as crianças mais tímidas e inseguras fossem acolhidas em seus sentimentos.

A duração das sequências didáticas ou mesmo da repetição de atividades devem estar relacionadas às características e aos interesses do grupo. O papel das professoras foi primordial nessa observação detalhada, do que as crianças estavam interessadas ou não, promovendo um ambiente de instigação, curiosidade com as intervenções necessárias. É partindo desse olhar que vão surgindo os próximos desdobramentos. A valoração dessa exploração, da própria brincadeira é sentida pelas crianças quando elas podem observar e vivenciar toda essa ludicidade mediada pelo adulto. (PEREIRA, 2012).

A mediação do professor é fundamental, pois além de ter um olhar atento a essa diversidade de contato, favorece o processo da interação, participando ativamente na complementação das ações das crianças, atribuindo-lhes novos sentidos e possibilidades desta ação. Ativo, aqui parte da premissa que não é intervir diretamente, oferecendo aos bebês tudo

pronto, nos referimos aqui a ofertar um olhar atento e encorajador para que as crianças se sintam mais seguras e confiantes em suas descobertas. (ORTIZ; CARVALHO, 2012).

2. Experimentações sonoras

Uma parte do grupo de 15 crianças da turma de berçário, buscava ainda firmar os passos de segurança nessa instituição. Através das primeiras experimentações, fomos percebendo o grande interesse pelas cores e o universo musical. Sabemos que a música exerce um papel fundamental nessas aquisições iniciais, pois além de cantar e encantar, estimula a percepção dos sons e rimos que fazem parte do nosso cotidiano. Explorar a atividade musical deve ser permeada de vivências lúdicas, visando a percepção auditiva e visual, instigando a imaginação e a socialização e não tem como conceber estas intenções educativas sem o corpo estar no centro desse processo.

Em nossa instituição, todas as turmas desde o Berçário até a o 5º ano do Ensino fundamental, a crianças têm o momento da roda musical, conduzido pelo professor especialista em Música juntamente com as professoras de referência, um encontro por semana. Apenas as crianças do Berçário que tem dois encontros semanais com a roda de música, justamente por compreender que estes pequenos precisam ser imersos nas mais diferentes linguagens aproximando os bebês à linguagem musical pelo movimento de vivências, jogos, músicas infantis, sempre partindo do interesse da criança.

De acordo com a proposta pedagógica da instituição, as crianças devem ter a oportunidade de sentir, apalpar, brincar e desfrutar das muitas diversas linguagens, em vivências expressivas e criadoras, estimulando sempre suas capacidades. (NEI, 2019, NO PRELO).

Juntamente com a professora de música, planejamos e sistematizando atividades lúdicas em que o corpo e a música dialogassem com o tempo inteiro. Começamos trazendo a roda de conversa alguns instrumentos musicais que as crianças tivessem a oportunidade de explorar das mais diversas formas: maracas, ukulele, guizo e o metalofone.

Trouxemos primeiramente as canções dos repertórios deles “Dona Aranha”, “Pintinho Amarelinho”, “O sapo”, etc. e com isso fomos trazendo os instrumentos para que as crianças fossem explorando as músicas conhecidas o som do guizo, do metalofone, o movimento das maracas, criando assim, um contato mais íntimo, crianças mais soltas e seguras, e aos poucos fomos ampliando os desafios na roda de música.

Tivemos a oportunidade de trabalhar com o “paraquedas”⁹, onde colocamos uma estrelinha do mar, e tínhamos que movimentar esse paraquedas de acordo com o movimento do mar, que era simbolizado pelo som da música. Sobre o mar, havia uma estrelinha do mar, e tínhamos um objetivo: não podíamos deixar a estrelinha cair em terra, para isso, era preciso envolvimento com o corpo. Quando a música ficasse rápida, os movimentos deveriam ser mais rápidos), quando a música estivesse mais calma, os movimentos deveriam ser mais lentos, mas não esquecendo do objetivo: não deixar a estrela do mar cair.

Fig. 3: Experiência com o Paraquedas e a estrelinha do mar



Fonte: Diário de Campo, 2019

Brincando e se movimentado, as crianças produzem sons e assim, nasceu a música, o encantamento, o corpo como processo dessa fruição. As crianças se deslumbraram com essa atividade lúdica e encantadora, elas tinham prazer quando o mar estava agitado e a estrelinha caía na terra, assim, a curiosidade era movida por esse desejo. As crianças também sentiram o desejo de ir para debaixo do paraquedas para saber quais eram as sensações de estar ali embaixo, e o toque do tecido no corpo, eram recheados de contentamento e deleite.

A esse respeito, Brito (2008), nos afirma que é um momento em que os pequenos se conhecem, se saboreiam e aprendem as diversas possibilidades do corpo em movimento, uma forma desse corpo estar no mundo, estabelecendo sensações, prazer, desprazer, os gostos e desgostos fazem parte dessa corporeidade, pois o corpo é fonte de autoconhecimento. (BRITO, 2008).

⁹ Tecido colorido circular para as crianças movimentarem

Com o grupo mais seguro, novos desafios iam sendo propostos conforme as crianças iam tendo mais contato com a roda de música, até fazermos a atividade “O que eu quero fazer com o corpo”? Cantávamos a seguinte canção:

Eu vou ...
Andar (Pequeno Príncipe)¹⁰
Eu vou andar ...
Eu vou andar ...

Parou em silêncio ...
Ops!

Após a expressão “ops”, cada criança escolhia o que queria fazer com o seu corpo, e a assim a canção continuava:

Eu vou ...
Pular ... (Gata Borralheira)
Eu vou pular ...
Parou em silêncio ...
Ops!

Eu vou ...
Correr ... (Aurora)
Eu vou correr...
Parou em silêncio ...
Ops!
[...]

Fig. 4: Experiência com a atividade corporal “up”



Fonte: Diário de Campo, 2019

¹⁰ Nome fictício da criança

E assim podemos explorar os diversos movimentos com os bebês, além destes, o deitar, o engatinhar, o rolar, o subir, o descer, sem precisar fazer atividades prontas e direcionadas no que se refere a motricidade, ao contrário, exploramos os mais diversos planos com o corpo com muita ludicidade, e o corpo era nesse jogo era brinquedo e brincadeira, pois é nessa perspectiva que acreditamos, dando espaço e significado ao corpo.

Brincando, se movimentando, produzimos sons e com isso, estimulamos a musicalização, que está presente na vida do bebê desde o processo intrauterino com sua a figura materna e os sons do ambiente. A música é uma linguagem e ela perpassa pelo corpo, cujo conhecimento vai se consolidando com base nas vivências e reflexões mediadas (BRITO, 2008).

3. Experimentações táteis e gustativas

Com um grupo mais maduro, adaptado, seguro na instituição e com laços afetivos mais consolidados, as crianças iam sendo mais desafiadas, durante a realização do Projeto de Trabalho. Brincar de desafiar seu corpo envolve tudo isso que já relatamos, dar a oportunidade de todos viverem as mais diversas experiências de pular, correr, rolar, deitar, equilibrar, tocar e até mesmo provar, isso mesmo, levar a boca.

Oportunizamos ainda aos nossos bebês diferentes materiais: tintas industrializadas, colas, hidrocor, lápis, piloto, giz de parede, a novidade que emergia nessa experiência eram as tintas naturais. Organizamos um momento onde os bebês eram os coprodutores de tintas naturais, com receitas simples a base de água e cola e alguns alimentos para dar cor a esse momento: cenoura, couve-folha e a beterraba.

Ainda nesse momento rico em ludicidade oportunizamos novamente outro contato com as tintas naturais, trabalhando com a experiência “Carimbando com as batatas”, uma outra experiência que encantou os nossos pequenos artistas. Apresentamos a batata em diversos formatos (peixe, coração, flor, estrela) e as crianças tinham mais uma oportunidade de explorar além das tintas a textura e tamanhos distintos das batatas.

Fig. 5: Experiência carimbando com as batatas



Fonte: Diário de Campo, 2019

Oferecer às nossas crianças o brincar com tinta e os mais diversos materiais é poder proporcionar uma atividade sensorial que favorece as mais diversas experiências de aprendizado, explorando as mais diversas sensações táteis, sabendo que nessa faixa etária as crianças exploram tudo. A esse respeito, Ortiz e Carvalho (2012, p. 126) nos diz que

O professor é aquele que proporciona a diversidade das experimentações para que as crianças possam ter vivências sensoriais, entrar em contato e se apropriar dos diferentes materiais existentes, saber como funcionam, seus usos, seus efeitos de sua ação sobre eles, os gestos e movimentos que conseguem produzir com o uso destes materiais, ou seja, os materiais artísticos precisam ser explorados como outros quaisquer.

Deve se ter a clareza que é uma atividade sempre mediada pelo adulto, para que as crianças consigam estabelecer relações entre causa e efeito. Com esse tipo de experiências, temos que permitir o processo da experimentação, mais do que os resultados “estéticos”. O contato com a diversidade de materiais perpassa para a construção de um conhecimento mais dinâmico, significativo e contextualizado com as mais diversas linguagens. (PROPOSTA PEDAGÓGICA, 2017, NO PRELO).

Sob essa perspectiva, partimos para as experiências gustativas, juntamente com a nutricionista da instituição. Pensamos colaborativamente, como poderíamos ampliar esse repertório das sensações oportunizamos aos nossos bebês o contato com as sensações gustativas, com frutas (limão, laranja, melancia), macarrão espaguete (cru e cozido), gelatinas naturais sem açúcar (couve, beterraba e mamão), flocos de milho, amido de milho (maisena), cenoura e couve ralado, e grãos de milho.

Em uma grande roda, disponibilizamos os diferentes materiais e deixamos os bebês explorarem à vontade e para isso, precisávamos estar atentos as estimulações do ambiente,

fazendo uso dos diferentes sentidos, sob diferentes planos. (ORTIZ; CARVALHO, 2012. Na roda, a criança fica muito próxima ao chão, portanto, é preciso pensar sob as diversas formas que o chão pode promover explorados pelas diferentes texturas, diferentes cores, diferentes sons, diferentes cheiros e por que não, diferentes sabores?

Fig. 6: Experiências gustativas



Fonte: Diário de Campo, 2019

Como podemos observar, que tudo que está ao entorno do bebê pode se tornar uma experiência sensorial, mas elas precisam ter sentido e significado para se tornarem aprendizado, daí a importância de um professor mediador, organizando essas experiências de modo prazeroso e afetivo.

4. Experimentações com o banho de gelatina – o corpo brincante

Como já fora mencionado, o projeto didático teve início durante o processo de adaptação/inserção dos bebês na instituição e veio finalizar já em meados do mês de junho, com essa atividade majestosa que foi vivenciar o banho de gelatina, como uma de nossas atividades significativas.

É bastante comum nas instituições o banho de grude, que consiste em fazer uma massa cremosa a base de amido e água com corantes diversos. Ousamos e optamos por vivenciar uma experiência mais peculiar a essa faixa etária, já que é uma fase bastante oral, uma vez que é uma etapa em que os pequenos são verdadeiros exploradores. Piaget, denomina essa fase de sensório-motora, como uma etapa em que suas ações são baseadas nas sensações e que compreendem o mundo através delas. Esse período representa a conquista através da percepção e dos movimentos de todo o universo prático que cerca a criança e é anterior a linguagem. (PIAGET, 1978)

Frente a todas as vivências proporcionadas, pensamos em algo em que as crianças pudessem além de ver, tocar, sentir, cheirar pudessem levar à boca, e assim, nasceu a

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

www.conedu.com.br

experiência com o banho de gelatina. Foi pedido a cada família que fizesse com sua criança uma gelatina de sua preferência (uva, morango, abacaxi), e trouxesse no dia da atividade. Chegado o grande dia do banho, apresentamos cada gelatina traga, exploramos a cor, o cheiro, a sensação gelatinosa, umas mais frias, outras em temperaturas mais ambiente e despejamos sobre uma grande mesa, e deixamos os pequenos a vontade. Uns já foram levando logo a boca, outros passando na mão, no braço, na barriga, e assim, começou a vivência com o corpo brincante.

Poder tocar na gelatina, escorregar por entre os dedos, levar essa sensação a boca, lambuzar o seu corpo, o do seu colega, e o professor estabelecendo toda essa mediação de sentido e significado, foi uma verdadeira alegria e entusiasmo, o corpo está ali como centro de todo esse processo, promovendo interações, trocas, aprendizagens, O corpo era brinquedo, como também era brincadeira para aqueles bebês.

Fig. 7: Experiências com o banho de gelatina



Fonte: Diário de Campo, 2019

Com essa experiência pudemos ver quanta riqueza pode ser contemplada nesse momento, sobre esses corpos que emanavam um desejo curioso de ludicidade e aprendizado. O banho de gelatina não encerrava por aí, pudemos ainda garantir o banho de chuveiro e balde com essas crianças, e cada qual se deliciava à sua maneira.

[...] As crianças estavam encantada com tamanha ludicidade. Ali só se havia espaço para aqueles rostinhos felizes e de contentamento, vários corpos vividos e aprendentes, cada corpo ali era sujeito de sua expressão vivida. (DIÁRIO DE CAMPO, 2019)

Fig. 8: Experiências com o banho de chuveiro e balde



Fonte: Diário de Campo, 2019

Quantas aprendizagens significativas emergiram dessa experiência corporal. Diante de toda essa ludicidade vivida, foi possível trazer o corpo da criança para o centro processo, considerando a criança como um ser inteiro, frente às suas possibilidades e limitações, principalmente na busca de querer conhecer o desconhecido. (PEIXOTO, 2019).

Vimos que todas essas experiências contribuíram e se articularam para a autonomia e segurança do bebê, marcado pela imersão desse mundo simbólico, como um processo contínuo de dar e criar sentidos e significados, estabelecendo relações de acesso ao outro, ao mundo, passando primeiramente pelo próprio sujeito, o seu corpo.

FECHANDO O DIÁLOGO: APRECIÇÕES FINAIS

Após a feitura deste artigo pelo viés da abordagem qualitativa e da pesquisa explicativa, procuramos a todo momento desenvolver uma relação dialógica e dialética, promovendo o encontro das experiências vividas com o encontro desse corpo, construindo essa cadeia discursiva, em uma relação de sentidos e significados à prática docente. Foi realmente uma travessia de grandes mediações, descobertas, encantamentos e aprendizados, mas não tinha como falar de corpo sem vivê-lo em toda sua plenitude, principalmente explorar esse corpo em um grupo de bebês, que estão imersos em mundo inteiro ainda a se descobrir.

Dissertamos sobre percepção, sensações, o visível, o sonoro, o gustativo, impossível isolar algum aspecto neste processo. Para falar de corpo que se desenvolve e aprende, é também falar de linguagem que se manifesta, de interação, de afeto, ludicidade de ações significativas que geram aprendizados.

Não podíamos nos deter apenas na organização do espaço físico para acolher esses bebês, mas pensar em ações intencionais que oportunizasse, o desenvolvimento dos mesmos, em uma

relação simbiótica que além de considerar os materiais disponibilizados, o ambiente acolhedor, os tempos e os espaços, permeasse as interações entre os pares e o professor no papel de mediador.

Narrar sobre corpo, foi apresentar que cada sujeito se (re) cria o tempo todo a partir de seus atos, de suas experiências. Cada ação que fizermos, nunca mais será a mesma, pois esta virá carregada de uma nova experiência, com uma nova história e seu significado (PEIXOTO, 2019). O olhar revela, o riso e o choro manifestam sentimentos, o corpo fala o tempo todo. E o bebê sem ainda utilizar as palavras propriamente ditas, se comunica incessantemente através desse corpo.

Procuramos com esse Projeto de Trabalho, apresentar situações considerando o corpo enquanto experiência, percepção, sentido e significado sob a compreensão que não existe um gesto humano, mesmo que distraído ou intencional, uma palavra dita, um silêncio dado que não tenha uma significação. (MERLEAU-PONTY, 2006).

O autor nos traz ainda a reflexão que professor precisa sensibilizar sua prática pedagógica por caminhos que considere o corpo em movimento sempre e não o movimento do corpo, assim, não se trata de usar o corpo como instrumento, mas como processo inteiro. Nesse enfoque, o autor retrata a compreensão de que temos que abrir espaço para o sentir, para o viver, para o afeto e as emoções que nos fazem nessa relação com o mundo, com o outro, que são essenciais em nossa constituição de sujeito, reiterando ainda que “o mundo não é aquilo que eu penso, mas aquilo que eu vivo.” (MERLEAU-PONTY, 1999, p.14).

Apostamos sim, que as instituições escolares precisam oportunizar situações ricas permeadas de ludicidade, de interação entre os seus pares, vivenciando o corpo, enquanto gesto, percepção, movimento, linguagem, música, arte. Podemos dizer que não aprendizagem que não esteja no corpo.

A criança precisa de um espaço privilegiado para que ela viva intensamente sua corporeidade, experimentando a liberdade de expressão do seu corpo. (FOUCAULT, 2013). A Educação Infantil é esse espaço rico de possibilidades, da reflexão sobre a dimensão da prática pedagógica no sentido da concretização de um espaço produtivo e comprometido com a criança, com seus anseios, interesses, particularidades. Assim, entendemos que a aprendizagem na escola da infância circunda toda a extensão de sua corporeidade.

Todas as experimentações sentidas e vividas foram permeadas com elementos de manifestação de sentidos, de encantamento, contribuindo para o desenvolvimento da criança quanto aos aspectos além de sociais e cognitivos, aspectos emocionais e afetivos. Não há aprendizagem sem vínculo, sem afeto e o lúdico é essencial para isso.

REFERÊNCIAS

BALABAN, N. **O início da vida escolar**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1988.

BARBOSA, Maria Carmem Silveira. As especificidades da ação pedagógica com os bebês. In: **Anais do I Seminário Nacional: currículo em Movimento**. Perspectivas Atuais: Belo Horizonte, 2010.

BRASIL, Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para a Educação Básica**. Brasília, MEC, SEB, 2010.

_____. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular para a Educação Infantil: Educação é a Base**. Brasília, MEC/CONSED/UNDIME, 2017. Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase/#infantil>>. Acesso em: 12 ago 2019.

BRITO, Teca Alencar de. **Música na Educação Infantil**. São Paulo: Petrópolis, 2008.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Trad. Raquel Ramallete. 41.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

MENDES, Maria Isabel B.S.; ARAÚJO, Allyson C.; DIAS, M.A.; MELO, José Pereira. Reflexões sobre o corpo, saúde e doença em Merleau-Ponty: implicações para práticas inclusivas. **Revista Movimento**. Porto Alegre, v.20, n.4, p.1587-1609, out/dez 2014.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. Trad. Carlos Alberto R. de Moura. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

_____. **Psicologia e Pedagogia da criança: curso da Sourbone. (1949-1952)**. Trad. Ivone C. Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

NÓBREGA, Terezinha Petrucia da. Qual o lugar do corpo na educação: notas sobre o conhecimento, processos cognitivos e currículo. **Educação e Sociedade**. Campinas, vol. 26, n. 91, p. 599-615, maio/ago. 2005.

OLIVEIRA, Maria Marly de. **Como fazer pesquisa qualitativa**. Petrópolis: Vozes, 2016.

ORTIZ, Cisele; CARVALHO, M. T. Venceslau. **Interações: ser professor de bebês – cuidar, educar e brincar, uma única ação**. São Paulo: Blucher, 2012. (Coleção Interações).

PEIXOTO, Sara Maria Pinheiro. **O corpo como sentido, criação e significado da criança com Síndrome de Down: uma proposta de intervenção docente na Educação Infantil**. 189f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Centro de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2019.

PEREIRA, Uiliete M.S.M. **Novos olhares das crianças sobre a Escola de Educação Infantil**. Natal: EDUFRN, 2012.

PIAGET, Jean. **A formação do Símbolo na criança**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

SILVA, W.V. da. **O movimento corporal da Educação Infantil.** Dissertação de Mestrado em Educação. Universidade Federal de São João Del-REI, 2011.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE. Centro de Educação. Núcleo de Educação da Infância, Colégio de Aplicação. **Proposta Pedagógica.** Natal, (2017, no prelo).